

A CRÔNICA de Rubem Braga

10/10/57

MURAIIS

HÁ POUCOS anos mandei fazer uns móveis, e quando quis revestir a mesa de laminado plástico tive de comprar material americano, de importação difícil; nacional não havia. Hoje há uma fábrica de fórmica em São Paulo e outra de formiplac no Rio. Esta pertence a uns poloneses aqui radicados e já naturalizados, os Degenjz, e foi para assistir à entrega do diploma de cidadão carioca a um deles, o Jorge, que visitei agora a fábrica, no subúrbio de Acari.

Partindo dos laminados decorativos, que hoje toda gente conhece, os Degenjz começam a fazer no Brasil peças como lançadeiras para fábricas de tecido, juntas isolantes para sinalização de estradas de ferro, mancais para indústria siderúrgica — coisas em que o plástico substitui com vantagem o metal.

Mas não é de indústria, e sim de arte que eu quero falar. Os homens da formiplac levaram para sua fábrica o desenhista e pintor D'Ávila, que lá instalou um amplo atelier. Ele pinta ou desenha no papel, que depois é metido com os outros elementos na prensa em que se faz a lâmina; daí resulta que a obra de arte ganha uma proteção perfeita e praticamente eterna. José D'Ávila teve de quebrar muito a cabeça para aprender a lidar com as tintas, que nada podem conter de volátil, mas hoje domina perfeitamente a sua técnica e consegue efeitos tão variados e lindos que não tenho dúvida: o futuro do mural está no plástico. Dentro do laminado fórmico ele está para sempre garantido contra as variações de temperatura, a poeira e qualquer outro sujo. Ainda outro dia, no Galeão, reparei no estado de sujeira em que está aquele biombo pintado por Roberto Burle Marx no andar superior. Se fôsse feito um plástico era só passar um pano molhado, e ele teria todas as suas cores primitivas intactas.

É claro que o mural plástico não poderá ter — porque é rigorosamente liso — muitos efeitos da pintura a óleo. Mas suas vantagens são tão grandes que os pintores cedo o preferirão quando tiverem de fazer painéis decorativos para casas modernas. Eles tanto podem ser brilhantes como foscos.

A indústria não interessa economicamente esse trabalho artesanal, de fazer um só laminado original, mas creio que tanto os homens da fórmica como da formiplac não deixarão de atender aos decoradores modernos, que hoje usam sua mercadoria um pouco para tudo. Procurem D'Ávila, que, em meia hora, ele ensina toda a técnica difícil que levou mais de um ano para descobrir...